

21 out 1998 Diretoria do HUB contesta os resultados da auditoria

Marcello Sigwalt

Da equipe do **Correio**

O Hospital Universitário de Brasília (HUB) contra-ataca. A diretoria da instituição resolveu responder com farta documentação e números às acusações feitas pelo assessor especial do Ministério da Saúde, Benedito Nicotero, de que haveria "má gestão e irregularidades" no hospital. Segundo Nicotero, o hospital estaria gastando todos os recursos disponíveis com o pagamento de pessoal.

No relatório de atividades relativo ao terceiro trimestre deste ano, o diretor do HUB, Elias Tavares de Araújo, mostrou que as despesas com pessoal e encargos responderam, em setembro último, por R\$ 462.852,61, ou aproximadamente 41,25% do total (R\$ 1.121.929,11).

Segundo o diretor, o montante do gasto com pessoal é inteiramente consumido com funcionários em contrato temporário (681), renovável semestralmente. Do restante, 470 são mantidos pela Fundação da Universidade de Brasília (FUB) e outros 603 pelo Ministério da Saúde.

Sobre a eventual situação irregular desses trabalhadores (antes prestadores de serviços terceirizados), Tavares de Araújo argumenta que a Procuradoria do Trabalho admitiu a necessidade do hospital manter esse efetivo de funcionários, como pré-requisito para continuar em funcionamento.

"Para evitar a paralisação dos serviços do hospital fizemos um contrato emergencial com os 240 trabalhadores terceirizados, cujos salários são integralmente pagos com os recursos repassados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) por serviços já prestados", explicou o diretor.

A série histórica do demonstrativo de pessoal do HUB mostra que houve queda de 13,56% no número de servidores de 1991 para cá.

Nesse mesmo período, o número de leitos aumentou de 240 para 295; a quantidade de internações passou de 300 para 1.100; as consultas/mês subiram de 10 mil para 26 mil e o volume de exames complementares/mês cresceu de 8 mil para 35 mil.

O diretor do hospital Cláudio Freitas afirma que a instituição está sendo sufocada pela combinação de duas ações. A primeira, a fixação de um teto para os recursos do SUS repassados ao HUB pela Secretaria de Saúde do GDF. A diferença entre o valor global dos serviços prestados e o efetivamente pago (com dois meses de atraso, segundo Freitas) chega hoje a 30%.

A diretoria do HUB admite, porém, estar inadimplente no pagamento das contas de água e luz, desde agosto de 1997. Mas tem uma justificativa. O vice-diretor André Viana explica que a administração do hospital teria de decidir entre pagar as contas ou manter o hospital aberto. "Preferimos a segunda opção". A medida, segundo Viana, foi necessária em razão do corte no repasse dos recursos pela Secretaria de Saúde.

O mais grave, para André, é a tabela de preços por serviços do SUS, atualmente em vigor. Uma consulta médica custa hoje exatos R\$ 2,55, ao passo que em qualquer clínica particular ela não sai por menos do que R\$ 80,00. Outro exemplo é uma ecografia craniiana. Pela tabela, o SUS paga R\$ 5,41, quando no setor privado custaria mais de R\$ 200,00. Se o HUB atender a mais pessoas no mês que o normal, não receberá nada por isso.

Como se não bastasse, o HUB está legalmente impedido de fazer novos contratos temporários. Ou seja, não pode repor (a não ser por concurso público, sem previsão de ocorrer) as vagas abertas pelos funcionários que se aposentam. É o mesmo que uma morte lenta, mas inevitável.